

Brazão, P. (2011). O diário Etnográfico Electrónico, Um instrumento de Investigação: Três Testemunhos, in Fino, C. (org). Etnografia da Educação (pp.303-323). Funchal:CIE-UMa.

O diário etnográfico electrónico, um instrumento de investigação: três testemunhos

Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira

pbrazao@uma.pt

Introdução

O diário etnográfico é um instrumento utilizado pelo investigador etnógrafo para registo do seu trabalho de campo e desde o início do século passado veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao serviço dos investigadores. Numa apropriação mais geral, o diário pode também ser usado como método de colecta de dados, de descrição dos processos e estratégias da própria pesquisa e análise das implicações subjectivas do pesquisador; método de formação dos docentes, análise de práticas pedagógicas e desenvolvimento profissional e pessoal; método de intervenção, ou de investigação-acção (Brazão, 2007).

Neste artigo vou reflectir utilização do *software* que construí denominado Diário Etnográfico Electrónico, já descrito com detalhe num artigo anterior de Brazão (2007), em Diário do diário etnográfico electrónico. Utilizo para esta reflexão, o testemunho de três relatos de investigação de natureza etnográfica.

Verifico que a utilização desta ferramenta vem facilitar o trabalho do investigador etnográfico.

Termino reforçando a ideia de que as questões metodológicas sobre a observação são muito mais complexas que as questões técnicas. O conhecimento prévio do tema a estudar e a revisão da literatura é também fundamental e deve fazer parte da subjectividade de cada investigador, tratada numa perspectiva crítica.

O Diário de Campo, instrumento de pesquisa, formação e intervenção

A prática do diário pode ser conceptualizada em quatro principais correntes teóricas: a da antropologia cultural/social fundada por Malinowski e F. Boas; a da Escola de Chicago e do interaccionismo simbólico dedicada à sócio-etnografia, urbana influenciadora da etnografia interacionista inglesa e que tem representantes principais D. Hargreaves; S. Delamont; M. Hammersley e P. Woods; a da Análise institucional de Paris VIII, com as tendências da “Análise institucional interna” de “Etnografia institucional ou “Etnografia participante”, ou “Etnosociologia institucional” (G. Lapassade, 1991) - com o modelo da prática do Diário de Campo e a análise da implicação.

Numa apropriação mais vasta, o diário veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao serviço dos investigadores e também de docentes. Pode funcionar como instrumento na formação profissional, melhorando as didácticas, e o desenvolvimento pessoal dos docentes; como método de pesquisa; e como dispositivo de acção – planeamento da acção para produzir mudanças e práticas de avaliação. Nada impede o facto de poder ser escrito por qualquer actor social que esteja sensibilizado para as relações sociais vivenciadas.

O método do diário etnográfico, diário institucional, método das histórias de vida, são abordagens qualitativas de pesquisa educacional/social. Não deixando de fora a subjectividade, opõem-se às abordagens quantitativas e positivistas. Quando utilizado nos processos de autoformação dos docentes, permite por exemplo reexaminar a prática docente e reflectir sobre a resolução de problemas e incidentes críticos, ensaiar estratégias de antecipação e possibilitar a análise mais profunda da construção do “eu” - “Self”, fazendo-o desempenhar um papel social mais activo (Brazão, 2007).

A observação participante e o papel do observador

A acção do investigador é uma questão essencial prévia à elaboração do diário. Henri Peretz (1996, referido por Lapassade 2001), apresenta ao investigador as seguintes etapas: A escolha do terreno; a sua entrada no campo; os papéis assumidos; as condições de observação e de trabalho de equipa; a tomada de notas; a descoberta do esquema principal; a relação com a comunidade estudada; a redação e a publicação.

O conceito de “Observação Participante” e o papel do observador na investigação assumem também centralidade na literatura etnográfica. Junker (1995, referido por

Lapassade, 2001), distingue quatro variantes sobre o papel do investigador numa observação participante:

- O participante completo, quando o observador participa nas actividades que pretende observar;
- O participante observador, quando as actividades observadas não se submetem às actividades em que o observador participa;
- O observador participante, quando as actividades a observar são do domínio público, podendo o observador dispor de uma variedade de meios de acesso à informação.
- O observador completo, quando as actividades estão para além do observador. São exemplo as actividades de dinâmica de grupo que decorrem em laboratório com o observador por detrás de um vidro.

A implicação do investigador no campo de observação pode ser regulada com os mecanismos de participação e distanciação.

O diário etnográfico electrónico e o registo dos dados

Neste artigo vou reflectir utilização de um diário etnográfico electrónico. O software já foi descrito num artigo anterior (Brazão, 2007). É uma simples base de dados e recentemente obtive atualizações gráficas que passo a descrever.



Figura 1- Interface de apresentação do software Diário Etnográfico

O diário de bordo electrónico foi construído para satisfazer os seguintes aspectos:

- O registo imediato dos dados durante o tempo em que o investigador se encontra no terreno;
- A reunião do maior número de dados possível no mesmo suporte electrónico;
- A apresentação simultânea de todos os dados;
- O acesso, arquivo e mobilidade facilitados, ao utilizar equipamento informático portátil.

Situando-o em duas fases da investigação: Fase descritiva e fase interpretativa, (Sabirón, 2001) este software torna-se importante na primeira fase quando se procede ao registo descritivo das informações obtidas. O esforço descritivo inicial para explicar a realidade observada é o ponto de partida para a credibilidade dos resultados e do processo de investigação.

Na fase interpretativa com base no rigor da descrição, o investigador e outros protagonistas fazem uso de referentes explícitos que consideram oportunos, analisam,

interpretam-nos e compreendem os fenómenos em estudo. São, em última análise, processos progressivos de triangulação de fontes, instrumentos e informações para assegurar a pertinência da informação elaborada.

Na fase descritiva, o software foi actualizado com melhoramentos gráficos tendo em conta o seguinte:

- Maximizar a ficha de observação para cada sessão de trabalho, nomeadamente nas áreas de descrição dos registos de observação;
- Maximizar a utilização de hiperligações para os registos áudio em MP3 e para os artefactos em suporte digital;
- Maximizar a interface de triagem de observações de fenómenos evidenciados em forma de listagem.

O resultado pode ser observado nas figuras 2 e 3 seguintes:

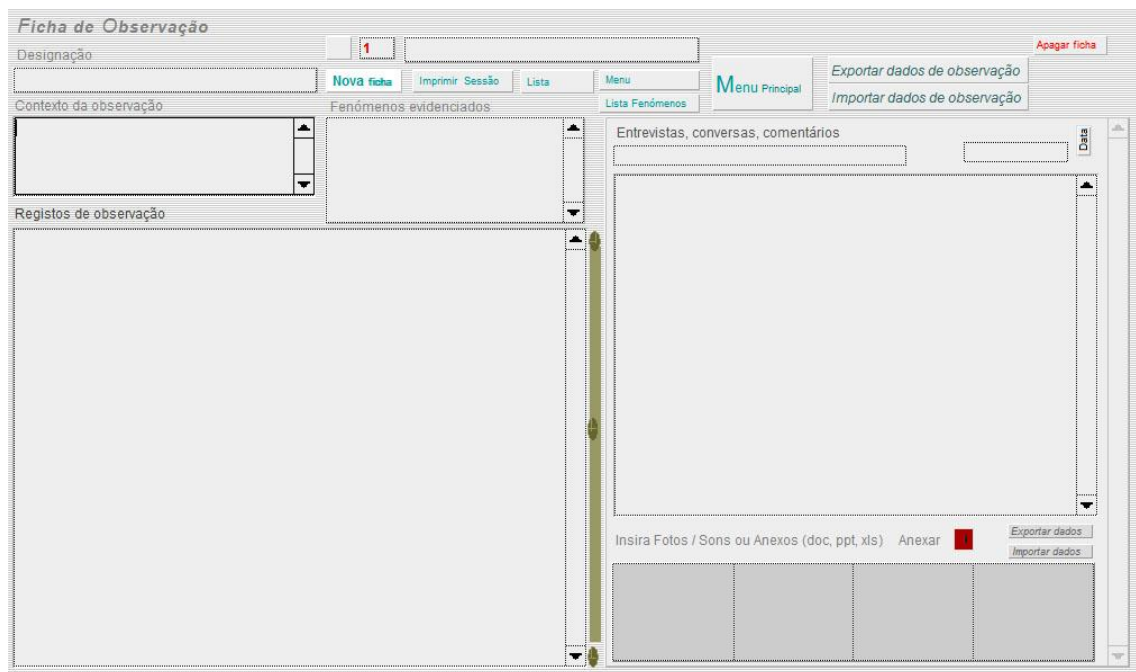


Figura 2 - Interface de registo de observações / reflexões

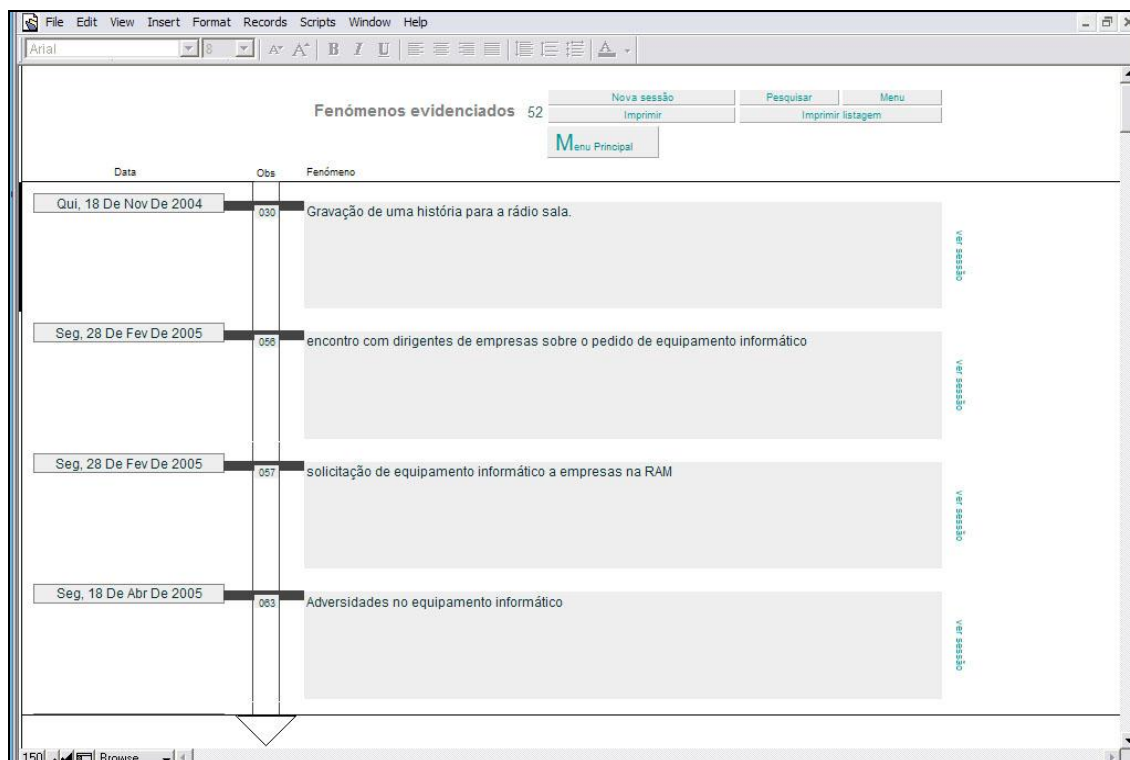


Figura 3 - Interface de triagem de observações de fenómenos evidenciados

Utilizando o diário etnográfico electrónico: três testemunhos

Vou reflectir utilização do *software* servindo-me do testemunho de três relatos de investigação de natureza etnográfica nos cursos de Doutoramento em Ciências da Educação, nas área de Inovação Pedagógica e Currículo, do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira.

Contextos de investigação

Este estudo surge no âmbito de um Doutoramento em Ciências da Educação, na área da Inovação Pedagógica, a decorrer na Universidade da Madeira, e apresenta uma proposta de trabalho que decorre desde Novembro de 2009. No enquadramento da tese, a tomada de consciência da necessidade incontornável de se estudar/acompanhar os contextos de aprendizagem e as práticas pedagógicas, face às novas realidades sociais, motivou-nos para esta pesquisa dos fenómenos educativos.

Durante o ano lectivo 2009/2010, inserimo-nos numa turma de 5ºano com Proposta de Percurso Curricular Alternativo(PCA)onde recolhemos dados de fontes diversas, nomeadamente através da observação participante, de entrevistas e ainda através de documentos oficiais.

A investigação decorreu numa escola de 2º e 3º ciclos do Ensino Básico do concelho do Funchal e envolveu uma turma de 5º ano numa turma com proposta de PCA.

Trata-se de uma oferta educativa dirigida a alunos que, encontrando-se dentro da escolaridade obrigatória, apresentam insucesso escolar repetido, com problemas de integração na comunidade escolar, ameaça de risco de marginalização, de exclusão social ou abandono escolar e dificuldades de aprendizagem. . (Testemunho 1)

Procedo a um estudo etnográfico em que procuro apreciar, se os ambientes criados nas aulas de educação visual aquando do uso das tecnologias, designadamente dos programas de desenho vectorial e fotografia digital são ricos e potenciadores da promoção do desenvolvimento da criatividade dos alunos. (Testemunho 2)

A minha investigação acontece no âmbito da Educação de Infância. Estou a realizar a observação de dois contextos educativos onde decorre a prática pedagógica do educador e a actividade de expressão dramática realizadas pelas crianças. (Testemunho 3)

As razões que a levaram à utilização do DIÁRIO DE BORDO ELECTRÓNICO

Para recolher os dados, foi necessário proceder à construção de uma série de instrumentos. Partindo dos objectivos de investigação e no quadro de uma entrevista semi-directiva, construímos um guião que pela sua maleabilidade, nos possibilitou um aprofundamento das questões emergentes desta investigação. Foram igualmente elaboradas logo no início da investigação algumas grelhas que rapidamente verificámos serem demasiado limitadas e redutoras ao registo de toda a informação recolhida.

Deste modo, e após um primeiro contacto com o Diário de Bordo Electrónico e formalizada a autorização de utilização por parte do autor do referido software não restavam dúvidas que era este o instrumento que poderia certamente constituir-se como uma mais valia ao registo e organização de toda a informação recolhida. (Testemunho 1)

As possibilidades oferecidas de sistematização dos registos da observação e diálogos do terreno, assim como, de comentários ou questões que se fossem levantando, proporcionadoras de consultas selectivas. (Testemunho 2)

Conheci o diário etnográfico em Dezembro de 2008 aquando a realização do V Colóquio CIE- Uma e gostei de ouvir falar das diferentes potencialidades deste instrumento de recolha de dados. Depois li os artigos realizados pelo autor e fiquei ainda mais esclarecida e com vontade de o utilizar.

O que mais me fascina neste instrumento é ser possível o seguinte:

- Registrar e organizar, todo o tipo de observações;
- Ter diferentes campos dos quais podemos elaborar várias listas que dão o fio condutor ao trabalho de campo;
- Poder utilizar, na construção das narrativas, vários tipos de letra e cores. Assim posso registar as observações numa cor, os pensamentos e percepções noutra etc.
- Exige rigor, na forma de registar dados qualitativos resultantes das minhas observações.
- Valoriza a objectividade e subjectividade de igual forma;
- Está sempre a gravar, logo não é possível perder informação;
- Tem sempre espaço para mais uma observação. (Testemunho 3)

O modo como utilizam o DIÁRIO DE BORDO ELECTRÓNICO

O diário constitui um excelente instrumento de organização e sistematização dos dados recolhidos. Dentro das linhas de orientação do nosso trabalho, foi fundamental a opção por este software, dado que nos permite aceder prontamente a toda a informação recolhida de forma organizada. . (Testemunho 1)

Registo descritivo do observado em aula e reuniões formais ou informais, de conversas, observações proferidas pelos actores, destaque de fenómenos evidenciados, geralmente à posteriori.

Inserção de comentários e pensamentos.

Não utilizei as possibilidades de inserção de ficheiros imagem pela tipologia dos ficheiros originais que ponderando a possibilidade de vir a analisá-los mais minuciosamente do ponto de vista da sua construção não desejei converter. Também não explorei, pelo menos até o momento, outras possibilidades. (Testemunho 2)

No momento da observação utilizo um caderno, a máquina fotografia e um pequeno gravador. Logo de seguida registo toda a informação recolhida no diário de bordo electrónico utilizando todos os campos pré-definidos. Simultaneamente vou escrevendo os meus comentários, e perguntas a realizar na observação seguinte. Assim resulta uma análise reflexão durante o processo de registo importante para o desenrolar da investigação. Sempre que possível tenho algumas fotografias ou desenhos das crianças que podem ilustrar alguns momentos da observação. (Testemunho 3)

Aspectos citados como importantes para o aperfeiçoamento desta ferramenta

Considero uma ferramenta bastante completa de tal forma que não me ocorre nenhum aspecto susceptível de reformulação. (Testemunho 1)

Provavelmente a possibilidade de se estabelecerem ligações em cada ficha de observação com ficheiros diversos (imagem, áudio) arquivados em pastas à parte. (Testemunho 2)

- A Janela “entrevistas conversas e comentários deveria ter um tamanho próximo da janela “incidentes críticos”. Isto porque todos os dados resultantes da reflexão e possível interpretação são colocados neste espaço.

- Tenho alguma dificuldade em colocar anexos (planta da sala; desenho de uma criança; fotografia)

Tenho dificuldade em referir mais aspectos, pois ainda estou a explorar e descobrir as potencialidades deste instrumento de recolhas de dados. (Testemunho 3)

Comentários à utilização do diário de Bordo Electrónico

Sistematizando os comentários sobre a utilização do software para o registo dos dados de investigação, verifico o seguinte:

- Boa adequação da ferramenta ao propósito da investigação. A reunião do maior número de dados no mesmo suporte electrónico favorece a consulta e a análise da informação e facilita o trabalho de investigador, na fase de interpretação:

“...após um primeiro contacto com o Diário de Bordo Electrónico e formalizada a autorização de utilização por parte do autor do referido software não restavam dúvidas que era este o instrumento que poderia certamente constituir-se como uma mais valia ao registo e organização de toda a informação recolhida.” (Testemunho 1)

“As possibilidades oferecidas de sistematização dos registos da observação e diálogos do terreno, assim como, de comentários ou questões que se fossem levantando, proporcionadoras de consultas selectivas.” (Testemunho 2)

No momento da observação utilizo um caderno, a máquina fotografia e um pequeno gravador. Logo de seguida registo toda a informação recolhida no diário de bordo electrónico utilizando todos os campos pré-definidos. Simultaneamente vou escrevendo os meus comentários, e

perguntas a realizar na observação seguinte. Assim resulta uma análise reflexão durante o processo de registo importante para o desenrolar da investigação. Sempre que possível tenho algumas fotografias ou desenhos das crianças que podem ilustrar alguns momentos da observação. (Testemunho 3)

“- Exige rigor, na forma de registar dados qualitativos resultantes das minhas observações.

- Valoriza a objectividade e subjectividade de igual forma.” (Testemunho 3)

- A interface de introdução dos dados revela-se adequada e eficaz. Um dos relatos descreve o registo como processo criativo:

“O que mais me fascina neste instrumento é ser possível o seguinte:

- Poder utilizar, na construção das narrativas, vários tipos de letra e cores. Assim posso registar as observações numa cor, os pensamentos e percepções noutra etc.

- Tem sempre espaço para mais uma observação.” (Testemunho 3)

- No aperfeiçoamento desta ferramenta surgem referências à necessidade de interligar os dados de natureza multimédia:

“Provavelmente a possibilidade de se estabelecerem ligações em cada ficha de observação com ficheiros diversos (imagem, áudio) arquivados em pastas à parte.” (Testemunho 2)

- A Janela “entrevistas conversas e comentários deveria ter um tamanho próximo da janela “incidentes críticos”. Isto porque todos os dados resultantes da reflexão e possível interpretação são colocados neste espaço.

- Tenho alguma dificuldade em colocar anexos (planta da sala; desenho de uma criança; fotografia).” (Testemunho 3)

- Continuo a verificar que a utilização desta ferramenta vem facilitar o trabalho do investigador etnográfico, tanto mais se este tiver alguma predisposição para a utilização da tecnologia informática.

Para finalizar

Volto a frisar que as questões metodológicas são sempre muito mais complexas que as questões técnicas. A dificuldade em seleccionar e registar os dados de observação no momento em que ocorrem os acontecimentos faz do trabalho do investigador participante completo uma tarefa árdua.

O conhecimento prévio do tema a estudar, pela revisão da literatura, é fundamental. Torna-se parte da subjectividade de cada um, e deve ser tratado numa perspectiva crítica. Graue & Walsh, (2003), falam na necessidade de formular perguntas de investigação e de traçar planos gerais antes de entrar no campo, mesmo que esses planos se alterem com o tempo. Para registar é necessário aprender a observar, a saber seleccionar da realidade envolvente o que é mais significativo para a pesquisa em curso. No entanto o diariamente observável refere-se ao imediatamente visível. A observação de segundo nível só é visível aos olhos do observador atento. Obtém-se pela natureza sistemática da descrição rica em pormenores, com o enfoque explícito no assunto. A descrição marca a diferença entre a investigação interpretativa e o conhecimento proveniente da experiência vivida. Posteriormente a análise do fenómeno deve ser efectuada sob várias perspectivas, a partir de diversas fontes de dados, conhecido com triangulação, Graue & Walsh, (2003).

Referências

- Brazão, P. (2007). O diário de um diário etnográfico electrónico. In J. Sousa, & Fino, C. (orgs). *A escola sob suspeita*. (pp. 289-307). Porto: Asa Editores.
- Graue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lapassade, G. (2001). L'observation participante. *Revista Europeia de Etnografia da Educação* (1), 9-26.
- Sabirón, F. (2001). Estructura de un proyecto de investigación en Etnografía de la Educación (I). *Revista Europeia de Etnografia da Educação* (1), 27-42.